

## ***Cultura cafeeira, cultura urbana: as imagens do progresso e as ambigüidades da modernização em Ribeirão Preto na Primeira República.***

RODRIGO RIBEIRO PAZIANI

Nascida sob a marcha galopante do café pelo interior de São Paulo a partir da segunda metade do XIX, a enorme região do Estado conhecida como o Oeste paulista – zona que englobava, na realidade, grande parte do Nordeste paulista e parte do sul de Minas – passou a ocupar uma posição de renome na economia e nas finanças nacional e internacional ao se transformar em principal pólo de produção e de exportação do país durante a Primeira República.

Marcadas pelas novas experiências urbanas e pelos ideais de civilização e progresso veiculadas durante o século XIX – representadas, por exemplo, nas reformas empreendidas pelo prefeito George-Eugene Haussmann em Paris (1853-1870) – cidades como Franca, Ribeirão Preto, Batatais, São Carlos, Mococa, para não citar outras – rapidamente se integraram, por intermédio do dinâmico circuito de trocas mercantil<sup>1</sup> impulsionado pela cultura cafeeira na Primeira República, ao turbilhão de aventuras e desventuras da modernidade<sup>2</sup>.

Em semelhante contexto, entre a segunda metade do dezenove e as décadas republicanas várias capitais nacionais – Rio de Janeiro, Santos, Porto Alegre, São Paulo, Belo Horizonte e Recife, por exemplo – foram alvos de administradores e engenheiros que, respeitante às especificidades históricas de cada urbe, conceberam projetos de modernização cujos objetivos centravam-se na eliminação de símbolos ou vestígios *arcaicos* (identificados ao período *colonial*), nas concepções ideológicas da higiene e do sanitarismo e nas tentativas de reformas *cirúrgicas* da infra-estrutura urbana e do comportamento de seus habitantes<sup>3</sup>.

Violentas e excludentes, as intervenções urbanas nas capitais tornaram-se possíveis à medida que os interesses político-financeiros de governantes e especuladores coincidiram com o ideal de *regenerar*<sup>4</sup> e de combater a gleba de pobres e miseráveis despejados nas ruas ou

encortiçados em morros e periferias<sup>5</sup>. Mas vale lembrar que os projetos de modernização existentes no Brasil, e especificamente em São Paulo, apresentaram desde o princípio soluções urbanísticas parciais: de um lado, graças aos conflitos entre a prefeitura e as empresas de serviços e entre os próprios urbanistas; de outro, pela convivência (nem sempre pacífica) entre antigos e novos costumes experimentados pela população que ocupava bairros em vertiginoso crescimento demográfico e industrial, como foi o caso do Brás<sup>6</sup>.

A modernização e seus efeitos, porém, não estancaram à entrada dos portos do Rio ou de Santos ou ainda em outras capitais do país: seguindo a insaciável saga cafeeira – que alcançara o Oeste paulista nas décadas de 1870 e 1880 – os trilhos ferroviários e um abarrotar de imigrantes desmantelaram a paisagem natural e germinaram, rapidamente, importantes cidades pelo interior paulista. Produtos de um novo ciclo sistêmico de expansão do sistema capitalista<sup>7</sup>, as cidades nascidas do avanço da rubiácea rapidamente inseriram-se no turbilhão de uma sôfrega modernidade, porque atrelada ao domínio rural e agrícola.

Dentre elas, Ribeirão Preto cresceu no ritmo de elites aventureiras que procuravam introduzir novos elementos urbanos. Do roldão dos milhões de sacas de café negociados entre os grandes coronéis do município – Francisco Schmidt, Artur Diederichsen, Martinho Prado Júnior, Joaquim da Cunha Diniz Junqueira –, o governo federal e estadual e os principais agentes financiadores no exterior – banqueiros e especuladores –, a cidade de Ribeirão Preto atraiu a vinda de (i)migrantes de toda cepa – *capomastri* e *muratori*, engenheiros, jardineiros, médicos, advogados e outros profissionais – que participaram da construção da *cidade ideal* – ou o *centro* –, exemplificado nas primeiras redes de água e esgotos e postes de iluminação elétrica (1898-1900).

Além disso, as moventes redes de sociabilidade estabelecidas em torno da cultura cafeeira arrastavam companhias de teatro, empresários de cinematógrafos, grandes comerciantes, *gentes* de vários estados, alterando sintomaticamente o cotidiano do ribeirãopretano e fazendo da cidade um importante centro de lazer e consumo do Estado de

São Paulo: os cinemas e o famoso Teatro *Carlos Gomes* de 1897, os corsos e os cassinos, as *soireés* e os bailes<sup>8</sup>.

Apesar de aliados da organização e da participação direta no sistema político republicano<sup>9</sup>, da construção da nova ordem urbana, das negociações da produção e da exportação agrícola – ambos decididos pelos coronéis e seus *pupilos* entranhados no poder público – os populares<sup>10</sup> enfrentavam os dissabores da vida urbana através da exploração de suas atividades sócio-profissionais diferenciadas e, à medida que o perímetro urbano se expandia, da exigência como moradores dos serviços públicos organizados no *coração* da cidade por meio de críticas aos descasos do poder público municipal<sup>11</sup>.

Portanto, tal população – formada por imigrantes (italianos, portugueses, espanhóis, alemães) e migrantes (mineiros, fluminenses, baianos) –, que em 1912 alcançava os 20.000 habitantes no perímetro urbano<sup>12</sup>, experimentava as transformações na cidade reinventando os desejos de uma modernização projetada por lideranças nos interstícios do poder público.

Sensibilizados pelos *progressos* da cidade, os ribeirãopretanos – que ocupavam variados lugares e profissões<sup>13</sup> – questionavam as crises de infra-estrutura urbana de inúmeras maneiras. Por exemplo, na prática *sorradeira* da Câmara de cobrar impostos sem, contudo, servir os moradores com os devidos melhoramentos: “De Valentim Ferrante e muitos outros, datado de 17 abril, representando contra a falta d’água nas ruas Prudente de Moraes e Campos Salles, com a qual pediam a relevação d’esses impostos”<sup>14</sup>.

As *estratégias* de valorização das atividades profissionais eram possibilitadas pela inserção de anúncios nas páginas dos jornais. A freqüente utilização dos anúncios e os efeitos por eles produzidos no interior da sociedade correspondiam a um *progresso cultural* nos centros urbanos do país na passagem do Império para a República, pois, como afirmou Gilberto Freyre, “[...] através deles, se fez sentir a presença ou participação na vida nacional brasileira de elementos que o avanço da alfabetização, por um lado, e o da técnica da imprensa, por outro, dotaram de meios de expressão ou de afirmação social [...]”<sup>15</sup>.

À introdução dos jornais, das revistas e dos almanaques em Ribeirão Preto, seguiu-se uma rápida difusão de notícias e produtos locais, nacionais e internacionais que acompanhava o ritmo global impresso pela economia cafeeira. O afluxo de pessoas, cada vez mais dispostas a criar novos serviços ou mesmo somar-se às profissões já existentes fomentavam, simultaneamente, as concepções idílicas atribuídas a Ribeirão Preto e a formação de uma sociedade nascida do acicate da riqueza e da luta pela sobrevivência.

Nessa conjuntura, um mercado de trabalho diversificado e competitivo, aliado aos anseios da experiência urbana revelou uma população familiarizada com os novos meios de comunicação e ciente de que, para conquistar espaços e oportunidades, tornava-se imprescindível construir uma imagem associada à qualificação pessoal e ao domínio das técnicas: “Pedreiro oferece um oficial pedreiro. Residência Alla Nuova Belle Veneza. Rua José Bonifácio, n. 21. Professor moço de conduta afiançada, *tendo estudado na Europa*, propõe-se a lecionar numa fazenda, matérias do curso ginásial, inclusive as primeiras letrae (sic)”<sup>16</sup>. As lavadeiras e engomadeiras, mulheres também em nada distantes do *ethos* de competitividade e eficiência que exigia o *tempo do dinheiro*, procuravam criar uma imagem positiva de suas profissões: “Engomadeira *moderna*, lava-se e engoma-se *com ferro elétrico*, colarinhos, camisas, roupas de senhoras, etc...”<sup>17</sup>.

Os estabelecimentos comerciais, difusores do *espírito francês*, permitiam até aos seus proprietários denominá-los de *Au Louvre*, *Notre Dame de Paris*, *Au Bon Marche*. Eles anunciavam pelos jornais propostas de emprego, produtos, liquidações, etc. Dias de promoção ou inauguração – como fez no início do século XX a livraria e tipografia *Casa Selles* – arrastavam as pessoas até as proximidades do estabelecimento e comprovavam o fascínio exercido pelas novas experiências à maioria da população. Se não consumia diretamente as mercadorias vendidas pelas lojas – fosse pelo baixo poder aquisitivo, fosse pela baixa qualidade dos produtos – a população era diariamente iludida a desejar o *espírito francês* em grande circulação na cidade<sup>18</sup>.

Em seus momentos de lazer, os populares saíam de seus respectivos bairros (Vila Tibério, Barracão, zona baixa do centro) ora para *flanar* pela Praça XV de Novembro, ora dirigiam-se aos botequins, ora ainda “vadiavam” pelas ruas. Os Códigos de Posturas, na tentativa de organizar a sociedade, impunham medidas *civilizatórias* aos moradores: horários de circulação pelas vias públicas, horários de abertura e fechamento de seus estabelecimentos, multas e noites no *xadrez* aos vagabundos, embriagados e desordeiros. Mas, cada atenuação de comportamentos *imorais* pelas autoridades e pelos próprios habitantes coexistia com seu oposto, a ausência de *civilidade* e *polidez* que emprestava à Ribeirão Preto contornos de uma pequena *metrópole*:

‘Sr. Redator:

Com a exuberante invasão de automóveis, a cidade de Ribeirão Preto está tomando um tétrico aspecto de cidade infernal!

De dia já não pode atravessar tranqüilo as ruas que se cruzam sem a gente se persignar cautelosamente para afugentar o canhoto, representado na figura tenebrosa de um desses mastodontes de transporte.

E de noite, então? A velocidade é dobrada; e lá pelas tantas da madrugada as famílias são acordadas em sobressalto com a passagem desses espalha-mortes que levam no bojo diversas mulheres da vida airada, encarapintadas ao colo de rapazes da dita, numa barulhenta pagodeira de bordel barato!

É a caravana macabra da prostituição tripudiando sobre o sossego da cidade e sobre a paz das famílias!’ [...]

Tenha dó de nós, Sr. Redator, abra uma campanha contra os prostíbulos noturnos que anda correndo pela cidade às horas mortas, no regaço desses malditos automóveis!!!

Deus há de abençoar sua bela pena se ela conseguir despertar a Polícia e a Prefeitura para esta obra de regeneração dos costumes maus!’ [...]<sup>19</sup>.

Ao mesmo tempo que alimentava o imaginário de ilustres visitantes e membros da elite cafeeira, a cidade ameaçava romper a *ordem* e o *progresso* ao traduzir-se em cenário de conflitos, acidentes, mendicância e prostituição, desmistificando assim a *cidade ideal* feita de belos edifícios e praças ajardinadas alardeadas pela própria imprensa.

Para alguns, inclusive, a capital não era São Paulo. Uma curiosa crônica do escritor Antônio de Alcântara Machado no *Jornal do Comércio*, de 11.09.1924, apresentava uma *outra*

cidade – em nada metropolitana – e uma população avessa aos hábitos *modernos*. Embora seja marcada por uma postura conservadora, a crônica ironizava a *mania de grandeza* do homem da capital. Aos olhos de Alcântara Machado – que tentava esconder seu orgulho pela cidade – São Paulo era uma terra de *jecas*<sup>20</sup>.

Pelas bandas do interior paulista, as promessas de riqueza e oportunidade fáceis, de opulência e ascensão social atraíam um sem-número de homens para Ribeirão Preto que circulavam ou estabeleciam residências na ânsia de conquistar espaços e enriquecer-se. Contudo, as fortunas acumuladas e as possibilidades de construir um futuro seguro se evaporavam e, para a maioria da população, forçavam muitas pessoas a sobreviver do banditismo, dos pequenos crimes e de negócios inescrupulosos. Embora fossem pobres e vivessem de pequenas profissões ou do emprego em fábricas, a vida fácil da vadiagem, das jogatinas e dos assaltos *varriam a contrapelo* a sonhada ordem pública e expunham as mazelas e os infortúnios daqueles que, mesmo desiludidos com as chances de encontrar um *lugar* na cidade, viam-se tentados a realizar atos ilegais como um *direito* de viver nela:

Os srs. amigos do alheio vão pondo as manguinhas de fora. Do descanso que deram, obrigados pela perseguição que lhes moveu a autoridade policial, voltam eles ao indigno trabalho de lesar o próximo. Desta feita, felizmente, os tais estão se contentando com pouco, apenas com o que encontram pelos quintais. Assim é que anteontem penetraram eles em diversos quintais da rua General Osório, mas como fossem pressentidos pelos moradores fugiram sem nada levar. Tendo conhecimento do fato, a polícia foi destacar uma praça para o policiamento do quarteirão visitado, anteontem. Essa praça, parece, não ficou lá o tempo que devia ficar e retirou-se muito cedo e os gatunos aproveitando-se disso, voltando à carga. Foram aos quintais das casas ns. 132 e 134 onde moram, respectivamente, Angelina Rodnoni e Philomena Martucci e surrupiaram regular quantidade de roupas e alguns outros objetos de pouco valor<sup>21</sup>.

O esboroar das *sólidas* imagens da cidade – ilustradas em *magazines* nacionais e internacionais – surgiam e ressurgiam quotidianamente nos lares, nos bares, nas ruas e nos

largos de Ribeirão Preto desmanchando no ar os desejos latentes das elites cafeeiras em reduzir a cidade ao *civilizado e confortável* centro.

*O tu roubas, ele rouba, nós roubamos*<sup>22</sup> – tão caro aos coronéis, hábeis manejadores de documentos públicos – não apenas sustentava a economia do país como reverberava pelas camadas populares em atos ilícitos e astutos de sobrevivência. O interesse imediatista, a negação do trabalho e, principalmente, o degradingo da *coisa pública* capilarizavam-se nos hábitos da população<sup>23</sup>. E, longe de ser mera vítima das transformações urbanas, a maioria da população interagiu com os novos tempos segundo suas próprias *técnicas*.

---

## NOTAS

<sup>1</sup> BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, v. 1 (O jogo das trocas), 573 p. À respeito do circuito de trocas diz: “Trata-se de conquistas, de malhas, de infiltração de elementos desestabilizadores, se se quiser. Circuitos e redes são regularmente dominados por grupos tenazes que deles se apropriam e, se necessário, vedam-lhes a exploração dos outros [...]” (p. 129).

<sup>2</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 16.

<sup>3</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 250p. NEEDLE, J. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 72.

<sup>4</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 40.

<sup>5</sup> Idem. Ver também: HAHNER, June. *Pobreza e Política: os pobres urbanos no Brasil (1870-1920)*. Brasília: Ed. Unb, 1993, 428p.; DOIN, José Evaldo de Mello. *O flâneur maltrapilho: a reinvenção da modernidade pelos excluídos das reformas de Rodrigues Alves/Pereira Passos*. Franca: Revista *Estudos de História*, FHDSS, UNESP, v. 5, nº 2, 1998, p. 83-91.

<sup>6</sup> CAMPOS, Candido M. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002. p. 138-139.

<sup>7</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Rio/São Paulo: Contraponto/Ed. UNESP, 1996.

<sup>8</sup> Ainda que existissem, em vários destes espaços de lazer, regras de inclusão social. DOIN, José Evaldo de Mello. *Capitalismo bucanero: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café (1889-1930)*. Franca: Tese (Livro Docência – História), Universidade Estadual Paulista, Campus de Franca, V. 1, 2001, p. 318.

<sup>9</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 3. ed., 1989, p. 86.

<sup>10</sup> BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, 243p. Segundo Bolleme, a palavra *popular* é carregada de ambigüidade: isto porque ela pode designar, ao mesmo tempo, algo comum, generalizado e impessoal (confundindo-se com a idéia de Estado ou nação) ou um caráter circunstancial, pontual e personificador (confundindo-se com a idéia de indivíduo ou pessoa). Tentando evitar essa armadilha semântica, os *populares* não serão identificados somente com os pobres ou os excluídos da cidade. Muito pelo contrário: embora não integrassem o universo da elite ribeirãopretana (grandes proprietários, médicos, advogados, grandes comerciantes), eles participavam da modernização urbana reinventando o uso dos espaços de circulação e deleite da elite.

<sup>11</sup> PECHMAN, Robert Moses. Os excluídos da rua: ordem urbana e cultura popular. P. 35. In: BRESCIANI, Maria Stella. *As imagens da cidade: as cidades nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Anpuh/Marco Zero/Fapesp, 1994, 160p.

<sup>12</sup> RIBEIRÃO PRETO – Câmara Municipal. *Atas da Câmara*. Microfilmado, rolo 58-A, flash 06, nº 10, 1912-1917.

<sup>13</sup> Eram moradores de bairros e da parte baixa do centro da cidade que ocupavam as profissões de barbeiros, farmacêuticos, vendedores, trabalhadores das fábricas de cerveja e massas, alfaiates, jornaleiros, artesãos, marceneiros e outros. In: RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. *Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto*. Sá, Manaia & Cia., 1913, p. 41-51.

<sup>14</sup> Petição de 04.05.1901. RIBEIRÃO PRETO – Câmara Municipal. Microfilmado, rolo 58-A, flash 01, nº 7, 1900-1903. Numa crônica para o jornal *Careta* (20.03.1920) intitulada *Queixa de defunto*, Lima Barreto ironizava a ineficiência da prefeitura do Rio ao narrar as reivindicações de um defunto sobre o estado das ruas: “[...] Tendo sido enterrado no cemitério de Inhaúma e vindo o meu enterro do Méier, o coche e o acompanhamento tiveram que atravessar em toda a extensão a rua José Bonifácio, em Todos os Santos. Esta rua foi calçada há perto de cinquenta anos a macadame nunca mais foi o seu calçamento substituído. Há caldeirões de todas as profundidades e largura, por ela afora. Dessa forma, um pobre defunto que vai dentro do caixão em cima de um coche que por ela rola, sofre o diabo. De uma feita um até, após um trambolhão do carro mortuário, saltou do esquife, vivinho da silva, tendo ressuscitado com o susto”. BARRETO, Lima. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática/Folha de São Paulo, 1995, p. 114-115.

<sup>15</sup> FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*: Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 5ª ed., 2000, p. 393.

<sup>16</sup> “Informações Úteis” (14.04.1909). RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. *Diário da Manhã*, ano X, jan/mar 1909.

<sup>17</sup> RIO DE JANEIRO – Fundação Biblioteca Nacional. *A Cidade*. Ribeirão Preto: Ano XII, 1916, (grifo nosso).

<sup>18</sup> “*Au Bonheur des Dames*: Grande Oficina de Costuras – Modas francesas. Últimas novidades a Preços módicos. Dirigida pela sra. Rosina Dell'Guerra. Tendo hábil contra-mestra Josephina Giuseppe. Grande sortimento de fazendas, para todos os gostos. Rua da Estação. Ribeirão Preto”. SÃO PAULO – Arquivo do Estado. O Sétimo Distrito. Ribeirão Preto: ano I, nº 2, 19.10.1893.

<sup>19</sup> RIBEIRÃO PRETO – Arquivo Público e Histórico. *Diário da Manhã*. Ano XVI, jan/jun 1913.

<sup>20</sup> “Nesta boa e leal cidade de S. Paulo de Piratininga levantam-se, de tempos em tempos, discussões simplesmente impagáveis... [...] Veja-se por exemplo a gravidade com que certa gente fala, discursa e escreve sobre o palpitante problema do descongestionamento da cidade, a qual, na opinião desses cavalheiros, não pode mais comportar o formidável número de pedestres e veículos que a cruzam em todos sentidos e a todos os momentos, à custa de empurrões e de choques... É curioso. São Paulo tem uma área igual à de Paris. Paris possui cinco milhões de habitantes, talvez mais. São Paulo tem setecentos mil, talvez menos. E ainda há quem discuta a sério a maneira mais fácil de livrar a cidade da inflação provocada pela sua circulação incomparável... É curioso e risível. Em São Paulo, não se enxerga viva alma nas ruas. O Paulista não sai de casa, e esse seu retraimento já foi comentado e explicado inúmeras vezes. A não ser em certos dias, chamados elegantes, e nesses ainda das quatro às seis horas da tarde e no pequenino trecho da rua Direita que vai da praça do Patriarca à rua Quinze tão somente, o Triângulo tem um movimento apenas sofrível, que se deve a um ou outro Ford que passa, a um ou outro vendedor de jornais que corre...”. MACHADO, Antônio de Alcântara. *Obras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL/Fundação Nacional Pró-Memória, v. 1, 1983, p. 98.

<sup>21</sup> RIO DE JANEIRO – Fundação Biblioteca Nacional. *A Cidade*. Ribeirão Preto: Ano IX, jan/jun 1913.

<sup>22</sup> ARAÚJO, Emmanuel. *O teatro dos vícios*: transgressão e transigência na sociedade colonial. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993, p. 283-293.

<sup>23</sup> DOIN, *Capitalismo bucaneiro...*, op. cit., p. 137.